

TRABALHO EM BRASÍLIA

Salário está em queda e emprego, mais difícil

Flávia Filipini
Da equipe do Correio

Os moradores do Distrito Federal sentiram com mais intensidade um dos piores efeitos das crises econômicas que abalaram o país nos últimos três anos: o desemprego. No DF, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) constataam que entre 1997 e 1999 a taxa de desocupação saltou de 5,88% para 9,16% da população com mais de 10 anos de idade. No Brasil, subiu de 5,4% para 5,9% no mesmo período, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Algumas peculiaridades do Distrito Federal justificam o assombroso aumento. Embora tenha boa parte da população com emprego garantido no serviço público, o DF é, basicamente, receptor de trabalhadores.

"A crise incentiva moradores de outras regiões a se mudarem para tentar emprego em cidades mais ricas, como Brasília. Outro incentivo para a migração é a inexistência de uma política de acesso à terra", avalia o economista Dércio Garcia Munhoz.

No DF, 55% dos desempregados nasceu em outros estados e o índice de pessoas procurando emprego subiu de 11,7% para 16,7% nos últimos dois anos. Empurrado pelo setor agrícola,

o nível de ocupação nacional apresentou crescimento de 2,4% entre 1998 e o ano passado. Esse índice se manteve estável no Distrito Federal nesse período, pois o crescimento foi de 0,3%. "Essa variação depende de cada região. No DF não há um setor agrícola forte", diz a coordenadora da Pnad, Wandely Guerra.

O crescimento registrado é insuficiente para absorver a entrada

de pessoas no mercado — são 1.600 por ano no país — e as perdas de postos de trabalho dos últimos seis anos. "No Brasil, se alguém conseguiu emprego é porque outra pessoa perdeu. Dez milhões ficaram sem emprego só no Plano Real. O desemprego ainda é crescente e a renda está sendo transferida da população para pagamento de impostos e lucro das empresas", critica Munhoz.

Por outro lado, a pesquisa também mostra que a quali-

dade de vida dos moradores do DF continua melhor do que a média nacional. Serviços como iluminação elétrica, abastecimento d'água e rede de esgoto adequados são mais encontrados nas casas dos candangos. Rede de esgoto é um exemplo. Enquanto a média de residências no país com esse serviço é de 64,6% no país, no DF chega a 96%.

Os candangos também têm mais televisões, rádios, freezers,

máquinas de lavar e geladeiras. Entre as casas com telefone, o índice no DF passou de 55,6% para 70,7% entre 1995 e o ano passado enquanto no Brasil saltou de 22,4% para 37,6%. A pesquisa também mostra diminuição significativa do número de crianças de 7 a 14 anos fora da escola no DF, onde esses índices já são bem mais favoráveis que a média nacional. Entre 1995 e o ano passado o índice no DF caiu de 4,6% para 2,13%, uma redução de 54,3%, pouco menor do que a registrada na média do país: de 9,8% para 4,3% (56,1%).

O Distrito Federal também tem um dos menores índices de analfabetismo do país e nos últimos cinco anos caiu mais do que a média nacional. A taxa entre crianças de 10 a 14 anos era de 2,9% em 1995 e caiu para 1,4% no ano passado — diminuição de 51,7%. No Brasil, a taxa foi reduzida de 9,9% para 5,5%, com queda de 44,4%.

PARTICIPAÇÃO DOS IDOSOS

Otra diferença: no Distrito Federal, a participação das pessoas idosas no total da população é bem menor do que a registrada no país. No Brasil, os cidadãos com mais de 60 anos representavam 8,3% em 1995 e 9,1% em 1999. No DF, o índice subiu de 4,63% da população em 1995 para 5,27% no ano passado. Numa capital da República com apenas 40 anos de existência, o dado não podia ser diferente.

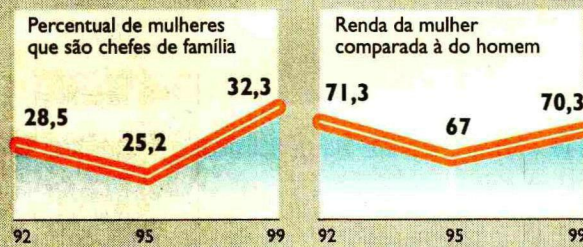
As mulheres ainda ganham bem menos que os homens, mas essa defasagem apresentou queda entre 1995 e o ano passado. A diferença de rendimento é um pouco menor no Distrito Federal do que na média brasileira, fato que, segundo os técnicos do IBGE, pode ser explicado pelo nivelamento salarial no serviço público.

No país, as mulheres trabalhadoras recebiam, há cinco anos, 62,6% da renda masculina. A defasagem passou para 69,1% no ano passado, mostrando alteração de 10% no período. Já no Distrito Federal, a mudança não foi tão brusca: passou de 67% em 1995 para 70,3%, numa diferença de apenas 5%.

RETRATO DO DF

Veja o que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio revela sobre o Distrito Federal

Cresce a participação da mulher



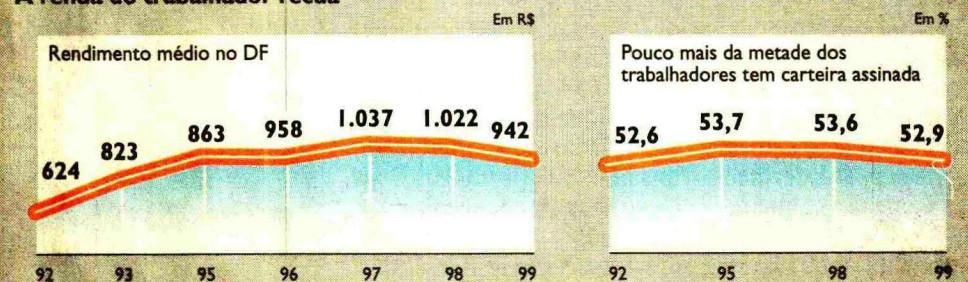
Mais crianças frequentam a escola



As casas estão mais bem equipadas

	92	95	98	99
Fogão	99,1	98,8	98	98,5
Freezer	21	26,2	29,8	28,2
Televisão	88	93,1	95,9	95,9
Geladeira	86,1	89,1	93,1	93,1
Máquina de lavar	45,8	40,6	43,2	43
Telefone	44,1	55,6	70,4	70,7
Iluminação elétrica	99,4	99,4	99,9	99,7
Abastecimento d'água com canalização interna	89	93	96	95,3
Rede de esgotamento sanitário adequado	77	91,7	95,8	96

A renda do trabalhador recua



Fonte: IBGE